

The citizen state – the polis of the citizen society

Seminário com Michael Kuhn e Giorgos Mitralias, 19-22 de Agosto 2018, com a colaboração de World Social Sciences & Humanities Net

Reflexões sobre o seminário, por Miguel Lopes

Embora não se pretenda com este exercício reflexivo um texto de cariz académico, começo o mesmo com uma nota bastante subjectiva, para dizer que os 4 dias de reflexão e discussão em Palmela, com Michael Kuhn e Giorgos Mitralias, foram uma fonte de grande aprendizagem pessoal, e de aprofundamento intelectual, sobre temas que, até há bem pouco tempo, estavam arredados do meu pensamento e das minhas preocupações.

Devo também confessar que este texto não será tão desenvolvido conceptualmente, quanto o [texto](#) que António Pedro Dorés (APD) escreveu sobre este encontro.

Tendo esse texto como base, escusar-me-ei de descrever como se passaram os dias, as dificuldades sentidas para debater ideias e conceitos, motivadas por posições intelectuais diferentes dos intervenientes, uma vez que APD tão bem o fez nas primeiras páginas do seu texto.

Assim, tentarei descrever aqueles que me parecem ser os principais pontos de vista que resultaram do debate, as aproximações e distanciamentos que surgiram no seio dos participantes do encontro, e quais aqueles que são, para mim, os pontos fundamentais ter em conta.

Da reflexão que faço sobre o debate de ideias que existiram neste encontro, parece-me existirem três pontos de vista, ou posições intelectuais, distintos: a de Michael Kuhn, a de Giorgos Mitralias e uma terceira de APD; os quais tentarei resumir de seguida.

Giorgos Mitralias, o militante pessimista

Começo pela posição de Giorgos, porque me parece ser aquela que é menos complexa, mais imediatista, e, em certo sentido, de mais fácil compreensão.

Giorgos, e a sua esposa Sonia, afirmam-se militantes empenhados, revolucionários afectos à 4ª Internacional, e as ideias, e os ideais, a que aderem, e que tentam transmitir estão sustentados nas suas experiências de vida que, e isso há que reconhecê-lo, foram de luta por um mundo melhor tendo por base os ideais comunistas trotskianos.

Conhecedor profundo da história, principalmente no que diz respeito aos movimentos de luta pelos direitos dos trabalhadores, e aos movimentos de luta pelos direitos civis, Giorgos é

um fervoroso adepto da noção de que a história se repete, e nesse sentido, vislumbra correlações muito fortes entre os tempos actuais e as primeiras décadas do século XX, principalmente os tempos da república de Weimar.

Para Giorgos, o recrudescimento dos ideais fascistas é uma realidade (com Salvini, na Itália, como um dos expoentes), sendo que a ascensão desses ideais é um resultado directo do falhanço da(s) esquerda(s) europeia(s). A este propósito veja-se o estudo de Casanova e Almeida (2018), onde se constata que a base social dos votantes da Frente Nacional (FN) em França (nomeadamente no que diz respeito à educação e rendimentos, factores centrais na orientação de voto) é muito semelhante à base social dos votantes do Partido Comunista Francês. Uma vez que Marine Le Pen passou à segunda volta com quase 34% dos votos expressos, obtendo o melhor resultado de sempre da FN nas eleições presidenciais francesas de 2017, é lícito concluirmos que indivíduos que votavam na extrema-esquerda, revêem-se hoje em dia na agenda da FN, e acabaram por votar na extrema-direita.

A explicação para este recrudescimento, segundo Giorgos (resumida por mim numa forma simplista) é a seguinte: se a esquerda se mostra incapaz de fazer passar a sua mensagem, a extrema-direita, que está “já ali ao virar da esquina”, vai fazê-lo, recorrendo para isso a mensagens simples (básicas até), capitalizando (e esta expressão aqui não surge por acaso) sobre a ignorância dos indivíduos, aumentando assim a sua expressão, não só em termos de votos, mas, o que é mais grave, em termos ideológicos.

Embora afirme estar pessimista com tudo o que se está a pensar no mundo, Giorgos, manifesta alguma esperança com as movimentações que actualmente existem nos EUA – com o surgimento e consolidação de vários movimentos como o Black Lives Matter, movimentos feministas, etc. – ou com o que se passa na Catalunha. Um outro factor, segundo a opinião de Giorgos, pode estar a ser determinante, principalmente nos EUA, que é o estudo e leitura das ideias de Marx estarem a ocorrer um pouco por todo o país, algo que na sua opinião não está, de todo, a ocorrer na Europa.

À parte destas movimentações, Giorgos, vê nas lutas dos trabalhadores que têm ocorrido um pouco por toda a parte – seja a greve dos professores, uma vez mais nos EUA, sejam as greves dos trabalhadores da ferrovia em França, e outras manifestações de luta – o prenúncio de uma “revolução” que se avizinha, ou seja, a posição de Giorgos está ancorada num ideal de “luta”, uma luta que já está a acontecer, onde os (alguns) cidadãos já estão a tomar para si “as rédeas dos seus destinos”, já estão a agir.

Esta posição é, nesse sentido, e para usar o jargão da sociologia, accionalista, ou seja, Giorgos interpreta as manifestações que estão a ocorrer como uma oposição entre aqueles que detêm os meios de produção, e aqueles que não os detêm (para usar uma terminologia marxista), conseqüentemente assistimos a um conflito de interesses, sendo que os interesses comuns do proletariado (em Giorgos não fica claro quem são os proletários de hoje em dia) seriam a alavanca que os levam a agir, que os levam, em última análise, à tal revolução.

Michael Kuhn e a definição precisa, e *a priori*, do inimigo a combater

Da maneira como entendi, e como introdução às ideias de Kuhn, digamos desde já que, ao contrário de Giorgos, Michael tem um ponto de vista analítico estrutural (recorrendo novamente ao jargão sociológico), uma vez que para ele existe uma estrutura – o estado-nação –, que é a “verdadeira” raiz de todos os males das sociedades modernas. Ou seja, é esta estrutura que se *serve* dos indivíduos, influenciando-os, moldando-os, transformando-os; ao mesmo tempo que incute a ideia – ideia essa que é interiorizada, incorporada pelos indivíduos –, de que o estado existe para *servir* esses indivíduos.

Para Michael, o estado-nação usa uma série de conceitos – no encontro foi possível aprofundar 5 deles: a liberdade, a igualdade, a democracia, o dinheiro e a globalização (este um pouco menos) –, que permitem que o mesmo se mantenha, e se perpetue, como estrutura onnipotente e onnipresente, não de uma forma ditatorial orwelliana, mas de uma forma muito mais eficaz, porque cria nos indivíduos a noção/sensação, de que são verdadeiramente livres para participar, influenciar e alterar as políticas, as decisões e a própria construção daquele estado-nação, o que significaria serem verdadeiramente livres para alterar o rumo das suas próprias vidas.

Segundo Michael, estes e outros conceitos são ferramentas que são, ao mesmo tempo, causa e consequência da acção do estado-nação, e implicam não só uma aceitação por parte dos indivíduos, mas correspondem à própria vontade dos indivíduos.

Michael não gostaria desta explicação (já direi porquê mais adiante) mas estaríamos perante aquilo que Giddens (1984) designa como a *dualidade da estrutura*, em que a estrutura (o estado-nação) condicionaria e resultaria das acções (e vontades) dos indivíduos que estão inseridos nesse estado-nação.

Se por outro lado recorrermos a Han (2017), vislumbramos que o exercício de poder (um conceito que não foi discutido neste encontro; mas, no fundo, também é disso que estamos a falar), não decorre apenas da força, da coerção do estado sobre os indivíduos, mas também (principalmente nos ditos estados “democráticos”) da vontade dos próprios indivíduos. Ou

seja, segundo Han “persiste fortemente a opinião de que o poder exclui a liberdade. Mas o que sucede não é isso. O poder do eu [neste caso o estado-nação] logra o seu nível máximo precisamente na constelação em que o outro [o(s) indivíduo(s)] se molda voluntariamente à sua vontade” (2017: 15).

Como instrumento fundamental que liga e estabelece a liberdade, a igualdade, a democracia, o dinheiro e a globalização, e que, concomitantemente, gera e perpetua o poder, Michael identifica o capitalismo. Na perspectiva de Michael o capitalismo não é o cerne do problema, a “origem de todos os males” – ao contrário de posições influenciadas pelo marxismo, de que Giorgos é partidário –, antes um resultado do estabelecimento do estado-nação como única forma de organização das sociedades modernas.

Poder-se-ia então considerar que o capitalismo actual seria o corolário da evolução do estado-nação, ao mesmo tempo que assistimos à aceitação da hegemonia do neo-liberalismo, como ideologia e matriz central da sociedade. No entanto, a própria noção de neo-liberalismo é refutada por Michael (infelizmente não existiu possibilidade para que o mesmo desenvolvesse a sua argumentação), o que faz com que esta questão fique em aberto.

No entanto, Michael desenvolveu um outro ponto, de certa forma correlacionado com este, que diz respeito à pobreza. A pobreza é, segundo Michael, um instrumento não só necessário, como efectivamente usado pelo estado-nação via capitalismo, isto é, a pobreza não é mais do que um meio inerente ao capitalismo, que é usado pelo estado-nação para prolongar e reforçar a sua hegemonia. Para Michael a pobreza seria facilmente erradicada, a verdade é que não existe vontade efectiva para o fazer, porque isso implicaria pôr em causa a existência do capitalismo, e até mesmo do próprio estado-nação.

Mas, recuemos um pouco para tentar contextualizar, na medida do possível, a(s) ideia(s) de Michael. Em primeiro lugar, o pensamento de Michael é um *work in progress*, ou seja, a posição teórico-conceptual que Michael adopta encontra-se em evolução, e embora assente em premissas válidas, não evitam totalmente algumas contradições.

Se o ponto de partida para o encontro de Palmela foi um debate sobre *The citizen state – the polis of the citizen society*, debate esse que, por razões já apontadas no texto de APD, nem sempre foi possível fazer, parece ser evidente que o estado-nação surge como noção central que estrutura o pensamento de Michael, no entanto, já não é tão evidente, pelo menos para mim, como é que os mecanismos, a que o estado-nação recorre para se perpetuar e manter a sua hegemonia, actuam.

É também evidente que, para Michael, as ciências sociais funcionam como mecanismos reprodutores do *statu quo* (Kuhn, 2016)¹, nesse sentido, qualquer explicação de cariz sociológico é, como atrás aludi, descartada por Michael.

Embora reconheça alguma validade no pensamento de alguns teóricos do passado, nomeadamente Marx, Michael tende a considerar que as ciências sociais, e a sociologia em particular, têm feito, e ainda fazem, parte do problema, uma vez que estas ciências efectuem análises circunscritas e limitadas da “realidade” social. Como exemplo, Michael refere as variadíssimas especializações, ou disciplinas, em que as ciências sociais se dividiram, onde cada académico/investigador desenvolve o seu trabalho dentro da sua própria disciplina, sem que exista contacto com o trabalho de outros investigadores de outras disciplinas.

Se é certo que a demasiada compartimentação das ciências sociais é uma questão que deve ser analisada de modo a ser desconstruída – note-se que parece existir cada vez mais um consenso alargado, entre os cientistas sociais, para a necessidade de uma maior “interdisciplinaridade”² –, também é certo que as ciências sociais possuem ferramentas analíticas que não devem ser simplesmente rejeitadas, existindo a possibilidade de através de um enquadramento diferente as ciências sociais serem reformuladas, deixando de ser aquilo que são actualmente.

É nesse sentido que me parece que António Pedro Dores pretende avançar, como iremos ver de seguida.

António Pedro Dores, a noção de “império” e a reformulação da Sociologia

A conceptualização de António Pedro Dores (APD) tem também, à semelhança da de Michael, uma dimensão estrutural, mas de uma ordem diferente.

Central na posição conceptual de APD é a noção de *império*, noção essa decorrente dos impérios do passado (o Egipto e Roma antigos, por exemplo), mas que se manifesta actualmente através da internalização da organização imperial em cada indivíduo.

Essa organização imperial é misógina, elitista e dissimulada, ou seja, é “caracterizada pela diferenciação horizontal de géneros de pessoas, pela diferenciação vertical das elites dirigentes, pela elaboração simbólica e cognitiva positiva de reforço virtual” (Dores, 2018).

Para APD os indivíduos espelham aquilo que a sociedade em que vivem é, ao interiorizarem formas de pensar e discursos que classificam os outros indivíduos (em género,

¹ O aprofundamento da leitura e análise do livro de Kuhn, terá de ser efectuado por mim, num futuro próximo.

² Esta noção de interdisciplinaridade foi aliás uma das “palavras de ordem” do congresso de Sociologia do Direito “Law and Citizenship Beyond The States”, onde tive oportunidade de fazer parte do *staff*.

classes, etnias, etc.), que hierarquizam as pessoas (chefes/subordinados, professores/alunos, ricos/pobres, etc.), ao mesmo tempo que usam a dissimulação, aqui entendida como uma forma de legitimação moral, para além do mero efeito de camuflagem social, de maneira a conseguirem “conviver”, de uma forma mais ou menos tranquila e apaziguadora, com a misoginia (ou até mesmo a misantropia) e o elitismo que apresentam nos outros, e em si mesmos.

É claro que o capitalismo é uma peça fundamental no estado actual das sociedades, mas, um pouco à semelhança de Michael, o capitalismo, para APD, é um instrumento ao serviço da organização imperial, isto é, ao contrário do postulado marxista, o império não é uma decorrência do capitalismo, antes o contrário, e assim sendo, para que as sociedades sejam efectivamente transformadas, deve-se começar pela desconstrução do império.

Existe, portanto, uma aproximação do pensamento de APD ao de Michael; embora não tenha havido a possibilidade de discussão nesses termos, o que são os estados-nação se não tentativas (circunscritas por fronteiras reconhecidas por outros estados-nação), de estabelecer “mini”-impérios?

APD aliás reconhece que ler as ideias de Michael permitiu-lhe sentir segurança nas suas próprias ideias e aprofundá-las, daí a organização do encontro em Palmela, onde um dos objectivos passava exactamente por esse aprofundamento.

Onde APD e Michael parecem divergir é na perspectiva que o primeiro tem em relação às ciências sociais no geral, e à Sociologia em particular. Se é verdade que APD concorda com Michael na avaliação que este faz do estado *actual* das ciências sociais, também é verdade que APD pensa que as ciências sociais poderão ser diferentes do que são.

Com esse objectivo em mente, APD, propõe a criação de uma *Escola para além das Ciências Sociais* (EpaCS), um espaço de debate e discussão livre das “amarras” académicas, onde todos, partindo das suas próprias experiências, podem aprender com todos.

Esse projecto da EpaCS foi abordado no encontro de Palmela, mas tem sido mais desenvolvido subsequentemente ao encontro³.

Parece-me que o papel que a EpaCS venha a desempenhar pode ser fundamental para responder às duas questões que me parecem ser essenciais abordar, com o intuito de modificar o actual estado das coisas. Refiro-me à questão do *conhecimento* e à questão da *alienação*.

³ Para mais informações sobre a EpaCS ver <https://schoolbeyondsocialsciences.wordpress.com>

A importância do conhecimento, e o combate à alienação

Chegado este ponto (que será o final) devo confessar que a minha posição no encontro de Palmela foi mais a de absorver conhecimento, e menos a de interveniente. Não que não tenha opinião sobre os assuntos que foram abordados, mas penso que tenho (ainda) algum défice de leituras, o que não me permite ter uma opinião sustentada por argumentos totalmente sólidos. No entanto, devo referir que a única alusão à questão da alienação foi levantada por mim, numa das poucas intervenções que tive. Por esse motivo, encetarei a minha reflexão sobre estas duas questões começando pelo *conhecimento*, que foi, ainda assim, directa ou indirectamente, bastante focado.

A questão do conhecimento parece ser central nas posições de Giorgos, Michael e APD, no entanto, em Giorgos essa questão foi abordada por duas perspectivas contraditórias entre si. Por um lado, e relativamente ao que se passa nos EUA, Giorgos sente-se esperançado manifestando algum regozijo por, por exemplo, Marx estar a ser lido e (re)descoberto como nunca antes terá acontecido, principalmente pelos jovens norte-americanos, ou seja, para Giorgos, o facto de os norte-americanos procurarem conhecer, estudar, analisar e debater textos (clássicos ou não) do pensamento de esquerda, é, não só, muito importante, como um prenúncio de que alguma coisa (revolucionária) irá acontecer.

Por outro lado, Giorgos afirma que se as pessoas (mesmo aquelas com poucos conhecimentos, ou até ignorantes) sentirem no seu quotidiano bastantes dificuldades – nomeadamente de cariz económico –, como na sua opinião está a acontecer neste momento, isso será o suficiente para começarem a revoltar-se de modo a lutarem por melhores condições de vida; e dá como exemplo a Revolução Francesa, para ilustrar o seu argumento. Ora, parece-me algo redutor afirmar que a Revolução Francesa foi uma revolução “popular” maioritariamente composta por indivíduos pobres e ignorantes. Não pretendendo efectuar aqui uma análise exaustiva da Revolução Francesa, se é verdade que muitas sublevações da poderão ter tido origem na “população”, não é menos verdade que muitos desses indivíduos não seriam propriamente ignorantes, além do que, não podemos ignorar o papel desempenhado por diferentes personagens, possuidoras de bastante conhecimento (aqueles que ficaram para história: Danton, Robespierre, etc.), sem os quais o desfecho da revolução teria sido certamente diferente.

Já Michael e APD parecem estar mais alinhados quanto à importância do conhecimento. Em Michael, é importante que os indivíduos possam aprofundar as questões, processos e teorias que levam ao actual estado das sociedades, nem que seja para desconstruí-las. Por sua vez, APD, preconiza esse aprofundamento não apenas através de discussões, ou

debates, meramente intelectuais ou académicos, mas também através da partilha de opiniões ou pontos de vista ancorados na experiência de vida pessoal de cada um, sendo este, aliás, um dos propósitos da Escola para além das Ciências Sociais, segundo o meu entendimento.

O conhecimento parece ser então uma questão fundamental, a forma como esse conhecimento pode ser transmitido, ou o tipo de conhecimento que é partilhado, tem em Giorgos, Michael e APD diferentes abordagens. Giorgos parece preferir um conhecimento que seja mais instrumental, no sentido de servir de base a acções concretas, que culminem, eventualmente, em acções revolucionárias. Para Michael importa em primeiro lugar definir exactamente aquilo que deve ser suplantado, o que significa um debate intenso no campo das ideias, mas sem resvalar para um debate meramente ideológico. APD pretende igualmente esse debate de ideias, desde que o mesmo seja sustentado não só em conceitos teóricos, mas também em experiências concretas que são vividas quotidianamente por todos nós.

Abordo, por fim, a questão da alienação, que me parece ser uma das mais importantes nos tempos que correm.

A alienação que aqui me refiro não é apenas um estado de desregramento, de falta de objectivos ou perda de identidade, ou simplesmente o “estar à deriva” que Durkheim (2018) denomina como *anomia*. Também não é somente a *alienação* decorrente das relações e processos de produção que Marx (2007) identifica, uma vez que “vivemos numa época pós-marxista. No regime neoliberal a exploração já não se produz como alienação e *desrealização de si mesmo*, mas como liberdade, como autorrealização e auto-otimização [sublinhado meu]” (Han, 2018: 49).

Ou seja, actualmente “surge [...] uma nova forma de alienação. Já não estamos perante uma alienação na relação com o mundo ou com o trabalho, mas de uma autoalienação destrutiva, uma *alienação de si mesmo*” (Han, 2018: 50).

Esta auto-alienação, parece-me, ser um estado característico dos indivíduos das sociedades ocidentais, ditas modernas, potenciado cada vez mais, desde há uns anos a esta parte, pelas redes sociais. Nestes tempos de hiper-comunicação, e de aparente dissolução de distâncias entre pessoas, assistimos, ao invés, ao estabelecimento da incapacidade de relacionamento com os outros, de nos colocarmos na “pele do outro”, o que faz com que seja bastante difícil conseguir captar a atenção das pessoas para as questões que foram levantadas neste encontro em Palmela, quanto mais tentar envolvê-las em debates ou discussões que tenham a intenção de ir ao cerne dos problemas actuais.

À primeira vista poderá parecer que uma grande maioria de pessoas está preocupada com o estado do mundo, e com o rumo que as suas vidas estão a tomar, mas na verdade, parece-

me que essa grande maioria não faz mais do que tecer alguns comentários nas redes sociais, ou aderir a uma ou outra manifestação.

Por mais activismos e focos de tensão que pareçam estar a surgir, viver a vida de maneira superficial, com um grande enfoque na acumulação de dinheiro, e naquilo que o dinheiro permite “comprar” (a grande preocupação das pessoas parece-me ser a de ter mais dinheiro, independentemente daquilo que façam), é o imperativo dos nossos dias, e, no meu entender, isso deve-se a um alheamento (quase) total com o que se passa à nossa volta.

Bibliografia

- CASANOVA, José Luís e João Ferreira de Almeida (2018), “Nacional-populismo: Trajetória das desigualdades e heteronímia (França e Portugal na EU, 2002/2014)”, em Renato Miguel do Carmo *et al.* (orgs.), *Desigualdades Sociais. Portugal e Europa*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 185-207.
- DORES, António Pedro (2018), “Sumários” (online), consultado em 10.09.2018. Disponível em: <http://home.iscte-iul.pt/~apad/MSV/>.
- DURKHEIM, Émile (2007), *O Suicídio. Estudo Sociológico*, Lisboa, Editorial Presença.
- GIDDENS, Anthony (1984), *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*, Cambridge, Polity Press.
- HAN, Byung-Chul (2017), *Sobre o Poder*, Lisboa, Relógio D'Água.
- HAN, Byung-Chul (2018), *A Expulsão do Outro*, Lisboa, Relógio D'Água.
- KUHN, Michael (2016), *How the Social Sciences Think about the World's Social – Outline of a Critique*, Stuttgart, Ibidem.
- MARX, Karl (2007), “Manuscritos Económico-Filosóficos” (online), consultado em 20.09.2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>